

RESENHA CRÍTICA:

OS CAMINHOS COMPLEXOS DO PRAZER E DA DOR

THE COMPLEX WAYS OF PLEASURE AND PAIN

BRAVO, Francisco. *Las ambigüedades del placer-Ensayo sobre el placer en la Filosofía de Platón*. Alemanha, International Plato Studies, 17 – Academia Verlag-Sankt Augustin, 2003, 259 p.

Francisco Bravo é, sem dúvida, um escritor detalhista e paciente. Ao longo de quase 300 páginas (em edição talvez compacta demais), ele analisa essa difícil questão platônica – o prazer – dividindo em tópicos e subtópicos sua investigação, marca que lhe é específica. Ao ler outras obras suas já editadas, sempre com metodologia claríssima, não deixa de ser um tesouro que ele tenha conseguido seguir o mesmo caminho ao tratar desse tema que o próprio Platão espalha em vários diálogos, com parcimônia, para finalmente deter-se um pouco mais no complexo *Filebo*, escrito do “velho” Platão. Nesse diálogo, além de ser abordada a questão do prazer e dor, o pano de fundo é tecido de reflexões extremamente profundas da última filosofia platônica, como é o caso do movimento, da *míxis* e do exercício do homem dialético com as formas.

Não há dúvida de que Bravo é um intérprete corajoso. Nessa obra agora editada em espanhol pela editora alemã Academia, o autor dá prazer ao leitor levando-o a um passeio pela cultura grega para recolher o que fora pensado sobre o prazer antes de Platão. Na primeira parte, por meio de um estudo semântico, Bravo enriquece, com muitos detalhes investigativos, a extenuante tarefa dos estudiosos de

Platão quando têm que recorrer ao que se pensou antes dele. Cumpre, desse modo, na primeira parte do livro, o que ele denomina “verdadeira cultura do prazer da Grécia Antiga”, a que não estamos acostumados a pensar. Esse ângulo já abre, por si mesmo, uma curiosidade digna de nota se lembrarmos do que dizem as interpretações mais sedimentadas ao criticarem ou apontarem, como se fosse indiscutível, o afastamento dos filósofos gregos, na sua maioria, quanto ao prazer, principalmente Platão, o que, mostra Bravo, não é efetivamente o caso.

A segunda parte apresenta um título nada tranqüilo e muito inspirador: “O ser do prazer”. Uma terceira parte, conclusiva, é nomeada “Prazer e vida humana”. Bravo é ambicioso como demonstram os temas eleitos. Parte riquíssima que trata “do Prazer e da Vida Humana” depende muito da segunda parte e, muitas vezes, temos que voltar a esta mesmo estando ao final do livro. Aprende-se que Francisco Bravo é intrépido e creio que nessa última parte o autor se supera ao dirigir seu estudo do prazer e dor ao campo da Ética. São tecidas ricas sugestões e comentários desde o hedonismo dos diálogos *Protágoras* e *Górgias*, ao hedonismo político da *República*, terminando com análises

do *Filebo* e das *Leis*. Não vou estender-me nesta leitura crítica na exposição dos itens. É necessário dizer, no entanto, que este livro me parece imprescindível a todas as bibliotecas, universitárias ou não, dado seu quase completo recolhimento de passagens retiradas de fontes primárias e preciosas às investigações platônicas. É verdade que o leitor desavisado se vê numa espécie de tontura na leitura dessa obra, uma vez que as possibilidades levantadas, as trilhas deixadas como abertura a novas reflexões são tantas, que talvez ele se perca um pouco quanto ao tema central. Ansiosamente, procura-se a explicação e soluções do difícil tema “prazer”, mas Francisco Bravo não permite uma leitura rápida, e buscar soluções nos textos de Platão não é o mais adequado.

Detenho-me, então, não na parte que mais me provoca, a segunda – deixo essa decisão ao futuro leitor –, mas naquela que mais dúvidas me deixou. Há alguns pontos da reflexão de Bravo que indico como pontos em aberto, caminhos promissores a investigar. Se a primeira parte desenvolve-se no recolhimento da tradição grega que cultua o prazer, a segunda é sobre o próprio “ser do prazer”. E dito o que é o prazer, só então Bravo pode desenvolvê-lo referido à vida humana na busca da felicidade. Divido, nessa leitura crítica, minha exposição em duas partes: em comentários (são quatro); em perguntas finais aos comentários.

Primeiro comentário: O método de repartição temática de Bravo – com apresentação das discussões com intérpretes, bem como a busca do texto do filósofo em pauta, e a esperada conclusão – tem, hoje, assento acadêmico preferido, ape-

sar de não ser o único método a escolher. Talvez esse método, apesar de bem ajustado, não sustente sempre uma boa conclusão. Por quê? Fazendo um pouco o papel de “advogado do diabo”, a tese de Bravo quanto ao prazer-movimento e à Fisiologia do Prazer que encontra expostas em Platão leva-o a esclarecer, nos capítulos um e dois da segunda parte (itens 2.3), sobre a “Doutrina platônica do movimento”. Ao abrir esse item, o leitor vai buscar o que é a doutrina do movimento, da *kínesis*, mas não a encontra com facilidade, apesar de poder ler os ótimos comentários que Bravo faz sobre o movimento em Heráclito como *panta rei*, e notar que o eleatismo é seu oposto, sendo o ser parmenidiano um *akineton*.

Ora, no *Teeteto*, Platão dialoga com Teeteto e Teodoro sobre esse problema ao falar em movimento e repouso, e o filósofo sabe da necessidade de diferenciar o fluxo e o movimento (ou dizer, se for o caso, do porquê da não diferenciação entre esses dois significados). O texto de Bravo não aborda a reflexão platônica do *Teeteto*, o que seria gratificante. No entanto, vai ao *Timeu* e, felizmente, apresenta colocações platônicas a respeito. Assim, cabe a pergunta: É fato que o “tudo flui (*panta rei*)” de Heráclito é *kínesis*? Não haverá uma diferença digna de nota entre fluxo e movimento? Se houver, muitas reflexões devem ser desenvolvidas em nossos dias, ainda. Apenas de passagem, Bravo faz uma diferença entre “pura *gênesis*” – que tem o sentido de fluxo sem medida – e *kínesis* (pág. 43 em diante).

Quanto à colocação tradicional de que o ser do poema de Parmênides é “contrário” ao ser heraclítico, isso está, também,

nos diálogos *Teeteto* e *Sofista*, ao menos para os discípulos desses sábios que, como diz Platão, são os adeptos posteriores dessas idéias no século IV a.C. E Platão, sabe-se, não os vê com bons olhos. Como tem afirmado e reafirmado a tradição interpretativa, existe uma separação radical entre os dois sábios pré-socráticos, de modo que essa própria tradição interpretativa se vê confundida com algumas colocações platônicas a respeito, que não necessariamente se ajustam ao que foi cristalizado. Bravo, no entanto, fica à margem desse problema, utilizando-se de intérpretes que falam por ele, sem marcar as conseqüências de diferenciar o fluxo e movimento. Cita Skemp, Taylor, Cornford e muitas passagens dos diálogos de Platão – muito bem elegidas, é preciso dizer. Abandona, então, a noção de *kinesis* e seu problemático campo para discutir se o movimento está ou não nos *mégista géne* (gêneros supremos).

O leitor aprende que em vários textos de Platão há afirmações fundamentais sobre essa questão, mas lhe escapará o que é movimento – e Platão o definiu no *Timeu* –, apesar de aprender que o prazer faz parte dos movimentos da alma e que há muitas formas de existência do movimento (corpóreo e incorpóreo, por exemplo).

Segundo comentário: Claro está que se o prazer é um movimento do corpo e da alma, diz Bravo no terceiro capítulo de seu livro, há que se desenvolver uma “Fisiologia do prazer” que diga respeito à repleção (*plérosis*) e esvaziamento (*kénosis*), sendo esta o que nomeamos dor (cf. *Filebo*). É o prazer um processo? É o resultado de um processo? Essas perguntas

são bem postas pelo autor, que avança nos diálogos relacionando-os com passagens interessantes do livro X da *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles. Quando Platão é citado numa de suas mais belas sentenças lembrada pelo autor, quando diz que “...o prazer é uma ‘recuperação’ do ‘estado natural’ perdido (*tò katà phýsin*), o qual consiste na harmonia entre elementos da natureza vivente... A harmonia da natureza se manifesta, deste modo, como a primeira condição de possibilidade do prazer e, por ele mesmo feito como critério fundamental de sua realidade...”, ao assinalar isso, Bravo rechaça grande parte das interpretações de cunho medievo-moderno que, ao estudarem os antigos gregos, instrumentalizam de modo inadequado e anacrônico essa reflexão. É um belo momento da obra de Bravo.

Aí, cabe a pergunta: por que a vida, para ser verdadeiramente vital, tem que ter sempre o prazer consigo, como diz Platão? E mais: no *Filebo*, o filósofo diz que o prazer concerne à *gênesis*, pois que todas as coisas que aparecem dependem de *gênesis*. Estará correto discutir se o prazer é ou não *gênesis* tendo já em mãos essa clara afirmação platônica de o prazer ser, como são muitas outras coisas, gerado, independente do modo como continuamente é gerado? O problema parece estar na nomeação do que está sujeito à geração, e o nome que acompanha algo em geração não é rigorosamente esse algo que vem a ser continuamente. Bravo tenta o esclarecimento da questão por vias aristotélicas e ergue a discussão do Liceu com a Academia, já sob Speusippo, avançando até Epicuro. Essas vias não esclarecem, ao menos assim me pareceu, a questão propriamente exposta por Platão.

Quem sabe fosse necessário que F. Bravo, ao adentrar na difícil questão dos elementos (*stoichéia*) e do prazer, abrisse melhor o campo da “Fisiologia dos prazeres” para estudar, a seguir, no IV capítulo do seu livro, a “Psicologia do prazer”. Afinal, os elementos enquanto *protá stoichéia* são *a priori* com relação aos seres matemáticos (cf. *Timeu*), e o prazer é, como todo gerado, relativo aos elementos, logo, aos seres matemáticos em segunda instância.

Terceiro comentário: Na temática da “Psicologia do Prazer” trata-se de “sentir o prazer”. Um “sujeito”, como diz Bravo, tem que ser pensado, ou dito de outro modo, a alma tem que ser pensada, pois que ela é o ser que conhece. Qual é, pergunta com audácia o autor, a diferença entre desejo e prazer, sua ontologia e a epistemologia do desejo? Para saber sobre esse sujeito, a alma, Bravo vai ao *Fédon* e interpreta que Platão, nesse diálogo, afasta o corpo e seus prazeres de modo que é obrigado a fazer, depois, um “giro de cento e oitenta graus” no *Filebo*, mudando sua posição, ou seja, afirmando que os prazeres são todos da alma, uma vez que é ela quem diz sobre o que sente e o que lhe chega. Assinala Bravo o dualismo platônico no *Fédon*: corpo e alma.

Nesse ponto, segue a tradição interpretativa. Cabe comentar: talvez só haja “giro” se o enfoque do *Fédon* – referido à necessidade da alma apartar-se do corpo como fonte maléfica devido aos prazeres – disser respeito a uma separação do tipo órfico-pitagórica, mas pode-se compreender essa separação, em Platão, como “à semelhança do orfismo e pitagorismo”, já que seria uma separação para o conhe-

cimento, uma ascese da própria alma para colocar o corpo “entre parênteses” enquanto quer redobrar-se sobre si mesma (e não uma separação pensada dentro do campo mítico-religioso de um *pós mortem*). Se assim for, não haveria problema algum com o corpo, apenas ele não seria necessário no momento específico do conhecimento da alma em redobro com ela mesma, conforme exposto no *Fédon*. Não haveria, rigorosamente, qualquer “giro” platônico, e não há confronto do *Fédon* com a possibilidade apresentada no *Filebo* quanto aos prazeres da alma serem dependentes de impressões que chegam a ela (pela via corpórea), ou do prazer nascido dela mesma. Se tal hipótese de leitura é possível, o que muda na colocação de Bravo?

Quarto comentário – Na seqüência da obra, Bravo vai rodear com cuidado o problema do prazer ao introduzir a questão da alma, o que ela é, quantas partes tem, elencando vários intérpretes como suporte. Há uma afirmação digna de nota nesse momento, pois muito contundente. T. M. Robinson, intérprete citado por Bravo, considera que a alma tripartida na *República* é uma invenção platônica necessária ao texto. Bravo não questiona isso, mas recorda que talvez no *Timeu* está apresentada a tripartição da alma no sentido biológico. É um assunto demasiadamente difícil e passado com rapidez, apesar de a alma ser central no pensamento platônico e no tema “prazer”. Discute Bravo se a alma tem partes, tendências; passa por vários intérpretes (bidirecionistas, tridirecionistas, etc.), e apesar de tais considerações, o que Platão mesmo disse em vários diálogos – que a alma tem *dynámeis*,

por exemplo – fica um tanto sombreado diante da força de muitos textos interpretativos.

Talvez (e tocando no início desta exposição), a metodologia a que se obriga o autor carregue-o, apesar dele mesmo, por vezes, a titubear na apresentação da tese platônica do desejo e do prazer, tese, aliás, envolvida na complexa noção, relacionada na segunda parte do livro de Bravo, de vazio, noção física, ademais, e que no *Filebo* é a natureza da dor como “esvaziamento”. Sabe-se que Platão fala de três *dynámeis* da alma, uma delas sendo o *epithymetíkós*, a potência desejante, primária e “próxima” ao movimento corpóreo. Sabe-se, também, que a alma conhece ou não o que ocorre com ela, de modo que sente ou não em função desse saber, vale dizer, que prazer e dor são algo em si mesmos, mas são resultantes cognoscíveis (ou não) para alma.

Aqui, cabe uma dúvida: há uma “Psicologia do Prazer”, como diz Bravo, e há uma “Fisiologia do Prazer”. Então, um órgão, por exemplo, que venha a estar – ou não – em harmonia natural trará prazer ou dor. É possível investigar uma “Psicologia” sem uma base ontológica articulada à *phýsis* do prazer? Ademais, essa *phýsis* é, conforme o *Timeu*, anímica aprioristicamente, porque se trata da Alma do Mundo. Assim, a divisão Psicologia e Fisiologia é possível de ser feita em Platão? O vazio, por exemplo, terá que ser pensado psicofisicamente? Ou pode ser pensado só do ângulo elementar e matemático?

São esses os quatro comentários a que me propus. Para concluir, permito-me reproduzir uma passagem de Francisco Bravo, logo ao início da obra, quando

são abordados os diálogos *Protágoras* e *Górgias*. Ele comenta sobre o hedonismo do *Protágoras* e o anti-hedonismo do *Górgias*, fala em “hedonismo ético e hedonismo psicológico” e faz emergir, felizmente, um Platão “eudaimonista”. Cito-o (ao final do item I da “Problemática”, na terceira parte) ao explicitar a questão de uma possível oscilação platônica entre o hedonismo e o anti-hedonismo:

... creo que la oscilación final, producida en *Leyes*, se da entre estos dos tipos de hedonismo. El antihedonismo es meramente recibido, y aunque nunca Platón adhiere a él verdaderamente, atiende a él bajo ciertas influencias e incluso adopta su terminología, en vista de la discusión. Varios indicios pueden hacer creer que su primera oscilación es entre hedonismo y antihedonismo. Veremos que la definitiva es entre hedonismo psicológico y hedonismo ético, y que ésta no termina en el rechazo de ninguno de ellos, sino en una mejor definición de los dos, que le permite reconocer plenamente el primero de ellos e integrar el segundo en un eudemonismo que no es ni puramente “intelectualista”, ni puramente hedonista, sino una combinación de los dos.

Essa interessante colocação permite ao leitor seguir um fio do pensamento ético platônico com alguma segurança e muita possibilidade investigativa. Penso que a obra de Francisco Bravo, afinal, é daquelas que se tornarão “um clássico” dos estudos gregos antigos e de Platão, especificamente.

Rachel Gazolla

PUC-SP

(rachelgazolla@ajato.com.br)